

TROCADA POR OUTRA

LÚCIA JULIÃO

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: Trocada por outra

AUTORIA: Lúcia Julião

REVISÃO DO TEXTO: Pedro Silva-Santos

PAGINAÇÃO: Volupio - Estratégias de Comunicação

IMAGEM DE CAPA: © Depositphotos (depositphotos.com @ feedough)

DESIGN DA CAPA: Ricardo Matias

FOTOGRAFIA DA AUTORA: Ricardo Matias

1ª EDIÇÃO: novembro de 2019

EDITOR: Pedro Silva-Santos

WEBSITE E E-MAIL DA AUTORA:

www.luciajuliao.com

info@luciajuliao.com

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação, sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário e autor.

© Todos os direitos reservados.

Quem não me quis quando pôde,
não me terá quando quiser!

CAPÍTULO 1

Acordei sem ti

[Diana]

Era uma da madrugada. Por força do hábito, deslizei o meu braço para o teu lado da cama, o teu lugar, onde tu deverias estar... mas não estavas!

Abri os olhos para confirmar, ou contrariar, o que o frio dos lençóis, vindo do teu lado da cama, me fizera sentir.

Icei o meu corpo, ainda sonolento, até me sentar lentamente na cama. Deslizei os olhos pela tua almofada, pelos lençóis de algodão, brancos, até ao edredão... passei-lhe a mão de forma lenta e demorada. Adoro-o pelo aconchego que sempre oferece ao meu toque. Não é um edredão especial, mas continua a cobrir a cama onde dormimos, conversámos e fizemos amor. Tudo o que foi feito sob este edredão foi terno e emocionante desde o primeiro dia... pelo menos

até àquele momento. Só tu e eu sabemos o que ali fizemos.

Olhei novamente para o teu lado vazio, sem dar grande importância à tua ausência. Por vezes levantavas-te e demoravas a voltar.

Saí do quarto, porque tinha sede. Dirigi-me à cozinha e foi ao descer aqueles degraus que senti, pela primeira vez, que algo não estava bem. Era como se estivesse alguma coisa fora do lugar.

Olhei em volta, mas não percebi de onde tinha vindo aquele sentimento, ou pressentimento.

Continuei a descer as escadas e servi-me de água fresca. Sentia-me quente, talvez fosse isso que me estivesse a provocar aquele desconforto tão estranho.

De copo na mão, segui em direção à sala. Desejei encontrar-te no sofá, adormecido de cansaço. Com toda a certeza terias descido para terminar um trabalho qualquer. Ultimamente era isso que me dizias... e eu simplesmente acreditava.

Imaginei que te iria acordar com um beijo ao de leve na testa e depois subirias comigo até ao quarto, abraçando-me pelas costas com a cabeça tombada sob um dos meus ombros.

Essa ideia animou-me! Mas, o sofá estava vazio. Tu não estavas lá.

Naquele momento, a sensação estranha voltou... muito mais forte. Fui invadida por uma náusea estranha, mas engoli-a.

Talvez já estivesses no quarto. Talvez eu não tivesse visto bem, talvez eu estivesse a dormir em pé.

Subi para o quarto e... estava como eu o tinha deixado... vazio.

Aquela sensação voltou a tocar-me mais forte. Tentei sacudi-la do meu corpo, mas o que sentia estava muito para além do pânico.

Foi nessa noite que a minha vida ficou em pausa, sob o domínio de uma fúria e um desespero avassaladores.

Em segundos, percebi que todas as outras vezes que te levantaste durante a noite foram uma espécie de ensaio para o ato de destruir tudo o que tínhamos.

Dezenas de pensamentos estranhos precipitaram-se sobre mim a toda a velocidade, atropelaram-se em fila dentro da minha mente... tentei apanhá-los, compreendê-los!

Tal como ímanes, encaixaram-se uns nos outros e o resul-

tado final cortou-me a respiração... paralisou-me os músculos... todas as minhas emoções foram espremidas para fora do meu corpo, nesse momento. Percebi tudo o que sempre estive à minha frente e eu nunca quis ver.

Nessa noite, fugiste de casa como se fosses um adolescente. E já tinhas dois braços abertos à tua espera: os braços da minha melhor amiga.

Se eu soubesse o que estava para vir, teria escolhido ficar para sempre, naquele instante em que ainda não te amava, uns minutos antes de me apaixonar.

Sentir que saíste da minha vida daquela maneira foi como se algo tivesse acabado de embater contra mim.

O meu coração disparou e o medo escorregou-me tão facilmente pelo corpo que pensei que seria possível pari-lo, ali mesmo, naquele instante. Tentei inspirar, mas não havia oxigénio suficiente... e o pouco que restava pareceu-me denso demais.

Senti um medo gelado, duro e penetrante que se propagou por todo o meu corpo, inchando a cada segundo.

Aproximei-me do limite. Apoderou-se de mim um anseio que não sabia ser capaz de sentir.

Naquele momento, apenas desejei poder sentir as tuas

mãos em mim, ávidas de desejo, o sabor do teu beijo na minha língua... quase saí a correr à tua procura com urgência! Queria resgatar-te do erro terrível que tinhas acabado de cometer. Não queria deixar-te desatar o laço que nos unia e que tanto tempo nos levou a aperfeiçoar.

Porém, a severa voz da razão exigiu que eu te deixasse ir.

Agora, olhando para trás, consigo perceber que nos últimos tempos comportavas-te de forma atípica... não parecias tu. Mostravas-te sempre cansado e vivias perdido em pensamentos que te deixavam cada vez mais distante. De todas as vezes que eu te fazia uma pergunta, demoravas sempre tempo demais antes de responderes. Era como se eu estivesse a bater a uma porta e não houvesse ninguém do outro lado para a abrir. Mas eu insistia... e recordo-me que de todas as vezes que me respondeste foi como se tivesses sido teletransportado de emergência para aquele momento.

Nunca te perguntei onde estavas em pensamentos porque tu sabias, tão bem, como anular a minha curiosidade, passando-me a mão pelo cabelo, beijando-me e dizendo:

amo-te!

O simples facto de o dizeres, fazia-me acreditar que era verdade... todas as vezes que mo disseste.

Numa das últimas vezes que isso aconteceu, sentámo-nos no sofá da sala até o sono nos levar, a custo, para a cama.

Nessa noite, lembro-me perfeitamente, não fizemos amor. Trocámos um beijo caloroso, como sempre fazíamos, e adormecemos instantaneamente. Pelo menos eu adormeci, tranquila, feliz... e iludida.

Não me canso de pensar que a tua decisão podia ter sido reversível. Podias ter recuado, em tudo... ainda tinhas tempo! Se tivesses parado e olhado para mim no último segundo, acredito que algo dentro de ti iria implorar para ficares. O homem que amei teria feito isso sem ter que olhar duas vezes. Mas desta vez, tu não paraste.

Em vez disso, o teu corpo foi arrancado do calor da nossa cama, movido por um desejo descontrolado e irracional que gritou, em silêncio, o nome dela.

18

CAPÍTULO

... a sacudir a moralidade dos ombros, como se fosse caspa!

[Maria]

Muitas são as pessoas que me condenam... e fazem-no de muitas formas!

Umam fazem-no por ti, outras porque simplesmente não têm nada mais interessante para fazer nas suas próprias vidas.

As pessoas gostam de professar moralidade. Eu sempre achei que era fácil fazê-lo quando se está feliz.

A maior parte das mulheres que agora me criticam, querem fazer-se passar por imagens emolduradas de pureza... como se fossem relíquias humanas numa exposição de rua, longe dos quartos escuros onde ninguém as pode ver.

Deveriam poupar-nos desse tipo de encenação.

Por melhor que queiram parecer aos olhos do mundo, essa fachada não irá ganhar para sempre.

Um dia, quando menos esperarem, chocarão de frente com uma força chamada loucura... algo tão sutil e avassalador que as irá mudar de um minuto para o outro.

Há quem prefira andar às cegas, no avesso da alma, a desejar em pensamento o que, com a ponta dos dedos, não pode tocar. Enquanto isso, eu vou continuar a sacudir a moralidade dos ombros como se fosse caspa.

Nunca deixarei de ser a antítese das pessoas que se dizem normais. Sou uma mulher de abismos... sem eles, não conheceria a minha verdadeira dimensão.

Os teus amigos, e os amigos dele, olham-me de forma estranha. Isso não me preocupa porque na verdade, nunca gostei deles.

Não espero que me percebas, mas por ele, tal como tu, sou capaz de tudo... e olhar os vossos amigos de frente e de cabeça erguida, não me exige muita coragem. Tal como não me custa nada ignorar o mundo inteiro!

Sempre fui forte... tu sabes bem o quanto. Admiravas-me por isso! Agora, sabendo tu onde toda essa força me levou,

será que ainda continuas a pensar que só os loucos é que podem não gostar de mim?

22

CAPÍTULO

Cada minuto longe de ti é uma difícil viagem que nunca mais acaba!

[Tiago]

Hoje, não sei como consegui chegar a casa. Foi um dia que me encheu de alegria ao mesmo tempo que me assolou com uma tristeza sem fim.

Já não te via há muito tempo... há tempo demais... mas hoje vi-te.

Ias de carro e quase nos cruzámos! A minha primeira reação foi a de querer fugir, porque sinto vergonha do homem em que me tornei.

Estavas de óculos escuros e não consegui ver bem a tua expressão. Pela ruga que se formou na tua testa, deves ter-me avistado ao longe e desejava que eu não me aproximasse.

Baixei a cabeça, aprovando a sensatez da tua decisão. Eu não mereço que me olhes, muito menos mereço olhar-te, mas estavas tão linda!

Porque apanhaste o cabelo? Tive vontade de entrar no teu carro, de to soltar, de te levar para casa e, na nossa cama, te despentear horas a fio!

Queria poder contar-te tudo o que tenho feito nestes últimos meses. Queria poder expressar-te o que tenho sentido. Queria poder falar-te sem pensar e nunca mais ter que parar!

Queria... mas tive que seguir caminho, porque o muro imaginário que separa o que eu quero e o que posso fazer, é agora alto demais... e a culpa é minha!

O resto do caminho, fi-lo com um grande aperto no peito. Percebi que não te poder tocar, dói! Espero que sintas que ainda te carrego dentro de mim para todo o lado.

Continuo sem entender porque te deixei. Cada minuto longe de ti, é uma difícil viagem que nunca mais tem fim!

30

CAPÍTULO

Desfazer-me do que restou de ti

[Diana]

A pesar de estar decidida a tirar-te da minha vida, foi mais difícil do que pensava desfazer-me das coisas que deixaste cá em casa.

O teu rasto está sempre presente, de peito inchado, a exigir a minha atenção.

Tudo o que cá deixaste serviu apenas para me atirar para o abismo, para a terra dos loucos, enquanto tentei, a muito custo, manter-me do lado da sanidade.

Não me tinha apercebido que estava farta de tudo isso... mas estava!

Demorei algum tempo a encher uma caixa com tudo o que não levaste contigo naquela noite. O meu coração não

ajudou, não saiu da frente, supervisionou tudo aquilo em que as minhas mãos agarraram, em modo automático, determinadas a tirar-te da minha frente.

Quando não restava mais nada teu para pôr naquela caixa, o meu coração sentiu-se num beco sem saída. Depois, vieram as memórias. Agarraram-me o queixo e levantaram-me o rosto... quiseram saber o que se passava comigo naquele momento.

A verdade é que te amo tanto quanto te odeio e tenho andado a carregar estas duas pedras sem saber qual delas te devo atirar.

Já chega! Não quero amar-te mais, nem quero odiar-te... só quero que a tua ausência seja palpável no silêncio da nossa casa e me arpie os pelos do corpo por satisfação e não por constante atenção.

Tenho noção de que existirão dias que passarei a olhar para o infinito... ou atarantada de um lado para o outro à procura de algo que já cá não está. Sei que mesmo vazia de ti, esta casa continuará a ter esse efeito em mim. Por isso, o próximo passo será: sair daqui.

Ela pensou que a sua vida tinha acabado.
Na verdade, estava apenas a começar...